

Irresponsabilidade diante do perigo

A inflação de setembro ficou em 35,95%, o que representa um salto de 5,1%, acima do registro anterior, que se situara em 29,34%. Tal aceleração, aliás, já vinha sendo prevista por todos. No período do congelamento, o governo conseguiu manter os índices entre 6 e 9%, mas, a partir de junho, a inflação voltou a subir. Primeiro, lentamente: 24,8% em junho, 28,7% em julho, 29,34% em agosto, passando agora ao inquietante nível de 35,95%. É importante lembrar que este índice, o IPC, mede a inflação até 15 do corrente. Os demais indicadores, tanto da Fipe quanto da Fundação Getúlio Vargas, registram um acirramento do processo na quinzena que vai de 15 até o fim do mês. Assim, o IGPM, da Fundação Getúlio Vargas, que também não capta a inflação do mês inteiro, por fechar no dia 20, está apontando uma elevação dos preços da ordem de 39,92%, tudo levando a admitir que nos aproximamos perigosamente dos 40%.. Se projetarmos essa inflação até o fim do ano, ou seja, se por sorte conseguirmos conter a inflação de outubro a dezembro, inclusive, em "apenas" 40%, encontraremos

nos últimos dias do ano um resultado verdadeiramente assustador: 1.612%!

Tais números mostram, simplesmente, que o governo conseguiu adiar, mas não conter, o fenômeno inflacionário. E isso por não ter posto em prática as armas clássicas conhecidas e amplamente utilizadas em todo o mundo. Limitou-se a tentar conter a alta dos preços, primeiro pelo congelamento e depois por intermédio de uma política monetária baseada exclusivamente na alta das taxas de juros, sem a necessária e indispensável contenção da expansão da moeda. Houve, não há dúvida, algum progresso nessa contenção não suficiente, porém, para reduzir a excessiva liquidez do mercado. Além disso, as emissões efetuadas nos últimos meses continuaram pesando. Uma contenção que abranja apenas dois meses é elogável, mas não suficiente.

No mais, toda a política antiinflacionária do governo restringiu-se à elevação dos juros. Nada se fez na área fiscal, na contenção efetiva do déficit público, não porque os ministros econômicos não quisessem fazê-lo, mas

simplesmente porque o presidente e a máquina governamental não o permitiram. Toda a estratégia ficou, portanto, muito vulnerável a qualquer pressão de demanda, a qualquer choque psicológico. O simples anúncio de que a inflação havia superado o patamar anterior foi suficiente para que os aplicadores corressem para os investimentos de risco, subindo o dólar, em apenas um mês — e isso com concentração nas últimas duas semanas — nada menos que 56,38%. O ouro e a bolsa foram em pós, com o índice Bovespa registrando, também nesse curto prazo, elevação de 47,48%. Sinal evidente de que a sociedade não acredita na política antiinflacionária do Planalto. Na verdade, não acredita em todo o governo. Um simples recuo de um ponto no rendimento do over, a igualmente simples notícia de que nada se conseguiu ainda na negociação com os bancos internacionais ou o leve rumor de desentendimento entre ministros — e como se atraem! — são suficientes para que todos saiam às compras para fazer estoques, tentando escapar à explosão dos preços.

De nada adianta enumerar o

que precisa ser feito. Ainda assim, insistimos: urge conter os gastos, reduzir o déficit, não unicamente pela elevação da carga tributária; privatizar, enxugar a máquina do Estado, hoje com dois milhões de funcionários; paralisar as emissões, atrair recursos externos, abrir a economia... Acima de tudo, há que se restabelecer o crédito, a confiança da sociedade no governo, fator grave de desequilíbrio.

Tal é a receita, e quem a tem elogiado é o próprio ministro da Fazenda, que não se acanha nem se cansa de repetir que é o governo o gerador da inflação. A sociedade apenas o acompanha...

Infelizmente, continuamos nesta trajetória sombria, delicada, mesmo perigosa. O presidente Sarney, ao que tudo indica, ainda não se conscientizou da extrema gravidade da conjuntura econômica, nesta véspera de eleições. Parece não entender, nem sequer por um momento, que a ameaça da hiperinflação, com todos os seus terríveis efeitos políticos e econômicos, não foi afastada. Mas, para ele, tudo vai bem..